

Carta de Paulo

Aos

ROMANOS

(14º ESTUDO)

PRISIONEIRO

DO

PECADO

ROMANOS 7.1-25

REV. SILAS MATOS PINTO

PRISIONEIRO DO PECADO

Rm 7.1-25

Antes de darmos o passo seguinte se faz necessário relembrar alguns passos anteriormente dados no estudo desta carta. Paulo mostrou que somos condenados por causa de Adão e salvos por causa de Cristo, nos tornando passivos na questão da salvação.

Depois revelou que o pecado não é o que nos levará para o inferno, pois Cristo deu sua vida para nos livrar da condenação do pecado, então a questão foi: Posso pecar porque a salvação é de graça? Sua resposta foi: Não!

Agora ele mostra que nós, por nós mesmos, não temos como nos livrar de uma força que nos escraviza e nos faz fazer aquilo que sabemos que está errado, mas acabamos fazendo, por causa desta força interna que nos escraviza e nos faz fazer o que sabemos que não devemos fazer. Paulo deixa claro, que, por nós mesmos, todos estaríamos condenados e sem esperança.

Não gostamos de que digam que somos prisioneiros, pois queremos, de todo modo, sermos considerados livres. Esta foi a reação de alguns judeus que creram em Jesus: *“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de*

alguém; como dizes tu: sereis livres? Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (João 8.31-34).

Os judeus serviram a vários povos. Serviram aos Sírios, Assírios, Gregos e, quando Jesus lhes dirigiu estas palavras, eram escravos dos Romanos, mas mesmo assim negavam esta realidade. Assim como negavam uma realidade maior, e é a que Paulo se refere neste estudo: O Homem peca porque é escravo do pecado.

Neste estudo trataremos sobre o tema:

OS HOMENS SÃO PRISIONEIROS DO PECADO.

Esta é a luta de todo convertido. Ele se fortalece no Senhor para deixar o pecado, mas o processo de santificação, que é o combate contra esta força interna, dura toda a sua vida e somente será totalmente aperfeiçoado quando Cristo o receber na glória, e isto, não por ter conseguido vencer o pecado, mas por ter crido que Jesus Cristo venceu e lhe assegurou a salvação. Quem venceu esta luta foi Jesus, não foi o salvo.

Em primeiro lugar veremos que **A CONVERSÃO NOS ENSINA A SERVIR A DEUS DE UM MODO NOVO** (v. 1-6)

Já vimos, anteriormente, que quando Deus propôs ao seu povo que guardasse a sua aliança e fossem o seu povo, eles se propuseram a obedecer a tudo o que Deus mandasse. Porém, a aliança divina se baseava na graça e não na obediência.

Durante anos Israel tentou obedecer a lei, sem nunca conseguir. Como não conseguiam cumprir a lei de Deus, eles então, criaram uma quantidade enorme de preceitos humanos, sem nenhum efeito contra a sensualidade e iniquidades praticadas por eles, mas que eram mais fáceis de serem cumpridos do que a lei.

Na conversão entendemos a necessidade que temos de um salvador por conta na nossa incapacidade de sermos totalmente fiéis, como nos é exigido. Cientes desse triste estado de miséria espiritual, nós nos vimos dependentes de um socorro, e tomamos consciência que o socorro já nos foi enviado através de Jesus. Como não somos capazes de sermos fiéis o próprio Deus enviou Seu filho para ser fiel em nosso lugar. Crer e depender dEle é que nos faz crentes.

Nossa salvação é garantida pela fidelidade de Cristo, que nos foi imputada pelo Pai, para, dependentes dEle, possamos receber Sua justiça e assim ter acesso aos céus.

Porém, ainda assim, não conseguimos ser fiéis. Prometemos fidelidade e quebramos nossa palavra. Renovamos nossos votos de fidelidade e voltamos à traz. Essa situação se repete e nos envergonha. O problema é que tentamos fazer como os judeus que queriam obedecer para conquistar.

Com a conversão descobrimos que não seremos fiéis como Deus exige. Fatalmente cometeremos pecados, mesmo

que não desejamos praticá-los. Por maior que seja a nossa dedicação e nosso empenho, acabamos praticando algo que ofende a Deus.

Diante desta desconcertante realidade, conhecedores da obra de remissão efetuada por Cristo, sabendo que ele pagou o preço da condenação do nosso pecado e que abriu as portas do céu para nós, nós, então, procuramos fazer o melhor que pudermos, agora, não mais para conquistar, mas porque fomos conquistados. Não mais para adquirir a salvação, mas porque a recebemos de graça e agora, movidos por gratidão, queremos dar ao nosso salvador, o melhor que podemos oferecer.

Essa nova determinação é a que Paulo chama de “*Servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra*”. Deixamos de querer obedecer para satisfazer a Sua justiça e passamos a desejar obedecer para agradá-lo. Tem muita diferença entre uma coisa e outra.

Na primeira o pecador tenta convencer a Deus de que não é pecador. Luta para mostrar que depende de si mesmo e é capaz de cumprir a justiça de Deus, porém, nunca consegue.

Na segunda, o pecador revela uma disposição intensa para não pecar, com o desejo de não desagradar a quem o salvou. Ele sabe que não cumprirá a justiça divina, por isso, mesmo que ainda deseja pecar, ele lutará para não pecar e, se pecar, se quebrantará diante do Salvador, e confiado na Sua

misericórdia, se levantará, baterá a poeira, e continuará tentando não pecar. Ele sabe que continua sendo pecador, mas não aceita mais o pecado como algo natural em sua vida.

Paulo disse: “*A lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida?*” É uma situação constrangedora e, como ele argumentou no texto anterior, a lei não é agradável, pois ela revela as nossas falhas e fragilidades.

Para revelar essa nova situação Paulo faz uma alegoria usando o casamento. Ele diz: “*Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias*”.

Ele argumenta que a lei tem validade vitalícia sobre a vida de quem está sob ela. Que se faz necessário um acontecimento fora do natural para que ela deixe de ter domínio, no caso do casamento, somente a morte do cônjuge é que possibilita um novo casamento, ou simplesmente a liberação do cônjuge do julgo que ele assumiu ao se casar. Se o cônjuge morrer ele estará livre, caso queira, para se casar novamente.

Aí Paulo diz que esta alegoria diz respeito a nós: “*Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber,*

aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus”.

Ele nos diz que quando Cristo morreu, morremos com ele, pois ele nos substituiu na cruz, ele pagou por nossos pecados. Tendo morrido, está livre da lei. Essa morte para a lei não dá ao crente o direito de fazer as coisas contrárias à lei, pois a lei revela a lei moral, ou seja, ela revela como Deus quer que os homens se comportem.

Então, o que quer dizer? Quer dizer que tendo morrido não há mais exigências sobre o morto. O morto, no nosso caso, tendo Cristo sofrido a maldição da lei, agora pode viver de modo diferente. Não tentará mais cumprir a lei com o mesmo propósito anterior, mas, agora poderá *“Frutificar para Deus”*. Agora ele terá uma nova motivação.

Veja o que Paulo diz: *“Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte”*. Na conversão há uma mudança de foco.

Entenda: A lei apenas mostrava que eu era um pecador e revelava as minhas fraquezas. Ela não trazia nada de positivo para mim, pois só dizia que eu sou fraco e incapaz. Minhas atitudes eram contra Deus. Eu era motivado a fazer as coisas para mostrar a Deus que eu podia fazer, mas a lei mostrava que eu era incapaz, por isso gerava morte, e não vida.

Por isso Paulo termina dizendo: *“Agora, porém, libertados da lei estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra”*.

Pronto! Jesus Cristo foi obediente no meu lugar. Fez o que eu não podia fazer. Ele morreu, pois a lei exigia que o pecado fosse castigado com a morte. Como sua morte foi substituta, então eu tive, em Cristo, todos os meus pecados castigados. Eles já foram pagos.

Agora eu posso viver diferente, como dissemos antes. Eu posso me oferecer a Ele. Posso tentar agradá-lo sem um peso que me obrigava a mostrar que eu podia fazer, quando na verdade não posso. Mas agora, ciente do que ele fez, eu me esforço, me doo, mesmo que de modo imperfeito, como oferta de quem é grato por tudo o que ele fez por mim.

A lei dizia: Você tem de fazer! A graça diz: Eu fiz no teu lugar! A gratidão me leva a dizer: Senhor, eu me ofereço a ti e te darei a minha vida, mesmo que imperfeita, como gratidão por tudo o que fizeste por mim.

Isto é que é servir em novidade de vida. Sirva-o assim.

Em segundo lugar, veremos que **A LEI DESPERTA O QUE HÁ DE PIOR NO HOMEM** (v. 7-11)

“Tenho uma saúde de ferro. Não sinto dor ou qualquer mal-estar. Posso correr, andar e fazer exercícios físicos. Mas,

numa bateria de exames que fiz o médico achou um negócio estranho em mim. Pediu mais exames e me assustou com seu diagnóstico. Ele disse que é perigoso e que minha vida está sob risco de morte”.

“Maldito exame e que terrível é esse médico. Minha vida era perfeita até que ele entrou em minha vida. Eu não sentia nada, agora estou com o pé na cova. Já não tenho alegria e nem disposição para fazer as coisas que fazia antes. Não tenho mais o bom humor que tinha, agora é só tristeza. A culpa disto tudo é dos exames e do médico que os pediu. Eu odeio esse médico!”

Esse paciente está correto na análise da sua realidade? Com certeza não, mas ele acha que sim.

Essa é a realidade da lei em nossa vida. Ela faz um diagnóstico e traz à tona os males escondidos em nossa alma. Revela quem de fato somos e a maldade que nosso ser esconde.

Por isso Paulo diz: *“Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás”.*

O homem pecador julga a lei como sendo ela algo ruim, porque ela revela o que tem de ruim nele. Estava acomodado com sua vida perfeita, sem defeito, até que a lei lhe foi apresentada e ele descobriu os seus defeitos. Sua alma, antes boa, se revelou perversa e má. Suas motivações, antes até

louváveis, se tornaram malélicas e questionáveis. E, por amar demais a si mesmo e não aceitar críticas pessoais, então, se volta contra a lei, pois ela revela os seus defeitos.

Nossos atos pecaminosos são, às vezes, sutis. Nem os percebemos. Mas, alguém cita a lei, então descobrimos que, aquilo que antes fazíamos naturalmente, sem questionar, e não víamos nada de ruim na sua prática, agora, se revela algo terrivelmente pecaminoso.

Qual se torna a minha atitude? O que o pecado, que está aninhado no meu coração, faz? Ele me faz rebelar contra Deus. Me faz ficar com raiva de Deus porque Deus não me deixa fazer as coisas que eu gosto de fazer. O pecado faz com que Deus pareça para mim, como um ser mal, pois me nega o prazer que desejo.

Veja como nossa natureza reage à descoberta do pecado. Ela não luta contra o pecado que foi descoberto. Ela luta contra Deus. É como o paciente, que teve a doença descoberta, se volta contra o médico e contra os exames que descobriram a enfermidade. E, ao invés de tratar a enfermidade, o paciente *“enfia o pé na jaca”*, fazendo tudo de errado e provocando a piora, cada vez maior, para sua saúde.

Analise as palavras de Paulo: *“Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência”.* É como se dissesse: Eu não sabia que cometia

esses pecados, mas já que os cometo, que sou imperfeito, então vou fazer pior. Então, começa, conscientemente, a afrontar a Deus e a fazer pior do que tinha feito antes. É o pecado, a carne, piorando a situação, que já estava terrivelmente ruim.

Eu achava que estava bem, mas como a lei mostrou que estou mal, então vou acabar de me destruir. Veja: *“Porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas sobrevivendo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri”*. Volte ao exemplo do paciente, que, tendo descoberto a enfermidade, ao invés de tratá-la, se entrega a vícios, práticas e atitudes que o matarão muito mais rápido. A doença se revelou e ele se matou.

Este é um ato de rebeldia insano e sem explicação. Muitos respondem ao tratamento desta forma. Transformam algo bom e positivo, numa coisa má e negativa: *“E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte”*.

Dissemos que a lei desperta o que há de pior em mim. Isto não acontece por ela ser má, mas porque eu o sou. A maldade em mim é revelada pela lei e, pela rebeldia do meu coração, eu trato a lei, que é boa, como má e protejo o meu coração, que é mal, como sendo bom. Então: *“O pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou”*. O pecado, como um ser doméstico e protegido, me afasta de Deus e me destrói cada vez mais.

Em terceiro lugar, veremos que **O PECADO FAZ AS COISAS BOAS PARECEREM RUINS** (v. 12,13)

Vocês já viram como o mundo qualifica Deus? Para eles Deus é um ser egoísta, mal e perverso. Ele é controlador e mantém todos debaixo do seu cetro e quando qualquer um foge ao seu controle, ele o destrói. Analise o pensamento filosófico sobre Deus e verás o quanto o seu pensamento caído deturpa, completamente, o que Deus é de verdade.

Tem uma série na Netflix, intitulada *“Lúcifer”*. Ela conta a estória do *“Morning Star”*, em português, *“Estrela da Manhã”*, o Lúcifer. A série conta como Lúcifer foi injustiçado ao ser lançado no inferno, logo ele, um ser tão bom, amigo e companheiro fiel. Conta como o seu irmão gêmeo, o anjo Miguel, um ser invejoso, mentiroso e enganador, lhe persegue. E, constantemente, ele fala da sua experiência com Deus, um ser terrivelmente vingativo.

Os ímpios analisam a salvação efetuada por Deus como um ato de absoluta crueldade. Para eles Deus é um ser maldoso, insensível e perverso. Para eles Deus revelou toda a Sua maldade quando crucificou o Seu único Filho para manifestar o seu ódio, sua raiva e sua indignação para com os pecadores. Se ele não poupou o próprio Filho, o que os pecadores podem esperar dEle? Se matou o próprio Filho, então ele destruirá todos os homens. Não resta nenhuma esperança para a humanidade.

Voltemos ao texto. Paulo deixou claro que a lei revela o mal contido em nosso coração. Ela é a luz que revela nossas imperfeições. Ela é a manifestação do modo como Deus deseja que os homens, suas criaturas especiais, feitas à Sua imagem e semelhança, vivam. Vivendo sob a lei o homem vive em paz uns com os outros e com Deus. A lei é a ética de Deus e o melhor modo de viver do ser humano.

Ele afirma: *“Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom”*. Não há maldade na lei. Não há verdade oculta ou armadilha para os homens. Há a expressão da vontade santa de Deus e mandamentos que nos farão andar em comunhão com Deus e com os demais homens. Por tudo isso a lei é boa e não má.

Porém, o pecado que habita em nós deturpa tudo. Para ilustrar isto Paulo diz: *“Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno”*.

O pecado faz com que o coração humano analise a lei como um modo de Deus reprimir sua vontade; de obrigá-lo a adorar e servir a Deus, mesmo que não deseje; de impedir que tenha o prazer que deseja, mesmo que seja em coisas impuras; de impedir que obtenha lucros em coisas desonestas; impedir de tratar as pessoas como elas merecem. O pecado faz com que a

lei não tenha nada de bom, apenas a expressão do Deus controlador e terrivelmente mal, que punirá todo aquele que não cumprir Suas leis.

Paulo observa que *“O pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno”*. Ele faz como os criminosos das favelas que se escondem entre os moradores quando em confronto com a polícia e quando alguém é atingido eles colocam a culpa na polícia e defendem os bandidos, que diariamente os extorquem.

Assim o pecado faz. Ele pega a lei, que é boa, e argumenta, no coração do homem pecador, como a lei o impede de se satisfazer, de ter lucro e se sentir bem com as coisas que gosta e como ela o controla para não fazer o que o seu coração deseja. O pecado faz com que a lei, que é boa, seja vista como algo ruim e destruidor do seu bem-estar. Faz o mal parecer bom.

Em quarto lugar, veremos que **O PROBLEMA NÃO ESTÁ NA LEI, MAS NO HOMEM** (v. 14-17)

Você já deve ter ouvido algum velho rabugento dizer que: *“Não vou ao médico porque o médico vai falar um monte de coisa ruim de mim. Vai achar doença que não tenho e mandar fazer um monte de exames para depois passar um monte de remédios”*.

O problema está em quem: No médico ou no paciente? É obvio que está no paciente. O médico não é mal, pelo contrário,

quanto melhor o médico for, mas enfermidades ocultas ele descobrirá. Ele não criará enfermidades, ele as descobrirá para tratá-las.

Já estudamos que a lei apenas revela nossas enfermidades. Revela que nosso coração é doente e míope. Não enxerga o que é bom e tem prazer no que é errado e mau. A lei nos foi dada para nos corrigir. Os defeitos revelados na lei devem ser corrigidos na presença de Deus. Os erros cometidos devem ser confessados e tratados, pois o defeito está em nosso coração e não em Deus ou na Sua lei.

Em Eclesiastes 7.29, lemos: *“Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”*. Deus fez o homem isento de mal. Adão foi o único ser dotado desta condição. Ele podia fazer o bem ou o mal, sem pender para um dos lados. Ele estava perfeitamente nivelado. Com o pecado ele pendeu para o lado ruim. Esta se tornou a condição natural de todos os seus descendentes, pois, naturalmente, não fazemos mais o bem. Naturalmente fazemos o mal. O bem tem de ser aprendido e treinado para ser praticado. O mal fazemos sem esforço algum.

Foi isso que Paulo afirmou neste texto: *“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado”*.

Ele expõe nosso atual estado: Somos carnis. Isto quer dizer que *“a carne”* tem maior força nas nossas decisões. Os

desejos corrompidos do nosso coração dirigem as nossas atitudes. Nos levam a fazer coisas sabidamente erradas e que nos trazem péssimas consequências, mas que, sem pensar, fazemos e depois sofremos.

Por isso é que Paulo afirma: *“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto”*.

Quantas vezes fazemos coisas que, logo depois, colocamos as mãos no rosto e dizemos: *“Mas, por que eu fiz isso?”* Quantas pessoas destruíram seus casamentos por um momento de prazer pecaminoso e logo depois perceberam o grande mal que fizeram e, olhando para si mesmo, disseram a mesma coisa?

Estes fizeram o que todos nós fazemos: *“Pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto”*. O pecado agindo em nosso coração nos faz fazer o que sabemos que é errado fazer. Nos faz ter prazer em coisas perniciosas e prejudiciais. Nos faz provocar prejuízos enormes, sejam financeiros, familiares e emocionais. Depois do mal feito, então sofremos, caímos na realidade, e reafirmamos o que dissemos: O problema não está na lei. Está em nós.

Paulo ainda disse: *“Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa”*. Como dizer que a lei é ruim se eu é que faço as coisas erradas que ela proíbe. Se ela proíbe é porque a

prática das coisas proibidas me fará mal e estas coisas são as coisas que desejo. Então ela é que é boa e eu sou ruim.

Sendo assim, eu tenho de tomar uma atitude. Tenho de matar essa “Carne”. Porque: *“Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim”*. Se há algo em mim que me faz mal, que me faz praticar coisas prejudiciais a mim e me trazem prejuízos em todas as áreas da minha vida, então esta coisa que há em mim precisa ser vencida e tenho que buscar fazer o que faz o bem e deixar de fazer o que me faz mal.

Esta maldita “Carne” deve ser morta, como Paulo disse: *“Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena”* (Cl 3.5). Devemos deixá-la morrer subnutrida, como ele nos ensina: *“Digo, porém: Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer”* (Gl 5.16,17).

A carne faz o que é do nosso querer, como afirma o final do versículo citado. Ela nos dá prazer no proibido e pecaminoso. Ela é inimiga do Espírito que Deus fez habitar em nosso coração para nos santificar. Ela tem de ser combatida todos os dias da nossa vida. Ela nos faz agir contra Deus e contra nós. A Lei é boa, eu sou ruim. O problema está em mim e não na Lei.

Nosso maior problema é que gostamos de nos defender daquilo que é para o nosso bem. Tratem, pois, desse mal.

O HOMEM NÃO PECA POR FALTA DE CONHECIMENTO, MAS POR FALTA DE FORÇA (v. 18-23)

Um pastor foi visitar um membro que estava nos últimos momentos da vida. O membro lhe confessou: Pastor, tenho medo de morrer, pois tenho consciências de todos os meus pecados. Eu me lembro de tudo de errado que pratiquei. Sei que mereço o castigo de Deus, e com a morte chegando, sei que não suportarei o Seu castigo.

O pastor pegou em suas mãos e perguntou: Você crê que Jesus Cristo morreu por você na cruz? Crê que ele perdoou os teus pecados? A resposta foi positiva. Então, disse ele, fique em paz com Deus. Deus decidiu esquecer os teus pecados, estes que você se lembra e te abate. Descansa no Senhor e confia no Seu amor. Você não entrará no céu por tuas forças, mas pela misericórdia dEle.

Fazendo uma análise de práticas pecaminosas, o Rev. Hernandes Dias Lopes lembrou algo sobre nossos pensamentos. Segundo ele passa por nossa mente cerca de 10.000 pensamentos diariamente. Sabemos que pecamos por pensamentos também, Jesus afirmou isto. Se um pensamento, entre todos estes for pecaminoso, eu, com quase 51 anos, terei cometido cerca de 186.150 pecados. Se a condenação da lei é a morte, então, que chances eu tenho?

Ao final da sua análise, ele conclui. O problema do pecado não é a determinação em não pecar, é a falta de força para resistir ao pecado.

Foi isso que Paulo acabou de afirmar sobre si mesmo: *“Porque eu sei que em mim, isso é, na minha carne, não habita bem nenhum”*.

Nós gostamos que exaltem as nossas boas qualidades. Gostamos que digam que somos bons. Não gostamos que falem que somos maus. Mas não é isso que a Bíblia diz. Em Mateus 7.7-14, Jesus Cristo afirma: *“Vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos”*. Jesus deixa claro que em nós, como Paulo afirmou, não habita bem algum.

Por que Paulo diz isto? Ele reconhece a sua triste realidade, que é de todos nós: *“O querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”*.

Seria esta uma irrealdade? Paulo estaria falando aqui uma mentira? Estaria inventando algo mentiroso para apoiar o seu argumento? Não!

Esta é nossa triste realidade. Erra quem acha que pode praticar o bem sem a ação divina. Somos maus por natureza. Erramos naturalmente, sem esforço algum. A prática do bem exige um esforço enorme, enquanto a prática do mal precisa ser resistida para não ser praticada, pois a praticaríamos.

É por isso que Deus fez o Espírito Santo habitar em nós, para nos encaminhar no processo de santificação. É ele que nos faz desejar o bem e praticar aquilo que, naturalmente, não praticaríamos. Em nós não há a capacidade natural para praticar o bem, essa capacidade é dada por Deus, para nos salvar da força que o pecado tem sobre nós.

O homem não peca por falta de conhecimento, como afirmamos, peca porque, naturalmente, é rebelde contra o que é reto, justo e bom. Todos sabem quando erram. A consciência do indivíduo o acusa. Somente aqueles que estão tão afundados nos seus delitos e que suas consciências estão cauterizadas é que não percebem, no ato, o mal praticado, mas, mais cedo ou mais tarde, perceberá. O mal não fica oculto a ninguém.

Este estado miserável que todo homem se encontra é que o faz depender de Cristo para a salvação. Ninguém pode ser deixado entregue ao seu arbítrio para decidir entre o bem ou o mal, pois decidiria sempre para o mal, pois a carne o levaria a isso. É por isso que não há nos homens o tão desejado Livre Arbítrio. O homem é escravo do pecado, por isso não é livre para decidir pelo bem. Sempre decide para o mal.

Essa força que atrai para o mal é descrita por Paulo neste texto: *“Mas, se eu faço o que não quero já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim”*. O homem não decide por si mesmo. O pecado que domina o seu ser é que decide.

O estado de escravidão do pecado é descrito por Paulo assim: *“Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros”*.

Nenhum homem teria prazer de revelar esta triste condição de escravidão. Ninguém gosta de revelar que é guiado, principalmente, quando se trata de uma força maligna que atua dentro do coração. Mas esta é a realidade de todos os homens.

Isto nos leva à última afirmação. Em sexto lugar, veremos que **O CONSOLO E ESPERANÇA DO HOMEM É CRISTO** (v. 24,25)

O problema do homem ao tratar sobre sua salvação é não analisar a si mesmo observando o seu real estado de miséria que o leva a desejar as coisas más e impuras e a odiar aquele que decidiu salvá-lo. Sempre pensam bem de si mesmos e são muito complacentes com seus erros e suas inclinações para o mal. E, por minimizar a força do mal em seus corações, pensam que são bons e capazes de adquirir aquilo que somente Cristo foi capaz de adquirir para os homens, porque não teriam condições de adquirir por si mesmos.

Ciente dessa sua triste condição, que é a nossa também, Paulo dá um brado, um suspiro profundo, uma exclamação de

reconhecimento do seu triste estado, porém, do socorro divino recebido em Jesus.

O homem sem Cristo está total e irremediavelmente perdido. Não lhe resta nenhuma possibilidade de mudar a sua triste condição espiritual, por si só. Observando o estado do seu próprio coração, Paulo exclamou: *“Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”*

Como rejeitar a graça divina, quando ela é a única saída? Como se voltar contra o Salvador, sendo ele o único que pode salvar? Como desprezar os Seus atos salvíficos e depender de si mesmo, sabendo que não há bem algum em si para oferecer como moeda de troca na salvação?

Por isso ele exclama: *“Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”*. Não graças a mim, mas graças a Deus, que sabendo do mal contido em nós e da incapacidade de nos salvarmos, enviou seu único Filho para dar sua vida por nós.

Sua salvação foi perfeita em todos os aspectos. Ele foi minucioso no cumprimento de todos os requisitos para garantir a salvação. Ele executou o juízo e a justiça divina. Ele fez o sacrifício perfeito, e nos substituiu na cruz, de modo que nada restou de dívida para ser paga. Ele pagou pela minha vida e me garantiu a entrada no céu.

Por isso é que eu sou um *“Crente”*. Eu creio e dependo somente, unicamente e exclusivamente dEle para ser salvo. E

isto porque: *“De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas segundo a carne, da lei do pecado”*.

Tenho de reconhecer o meu estado de prisioneiro do pecado para reconhecer o valor da salvação pela graça. Não posso pensar de mim além do que convém. Tenho que expor o lado feio da minha mente, confessar a Deus o meu pecado, derramar diante dele os meus defeitos, minhas inclinações más e tudo o que tenho consciência do estado deplorável da minha alma, para não deixar que o pecado se oculte e me engane.

Cristo deu Sua vida por mim porque sou absolutamente incapaz de conquistar os bem celestes. Sou incompetente para oferecer qualquer coisa boa a Deus. Por isso, assim como Paulo, dou graças a Deus por Jesus Cristo, pois dentro de mim há duas leis: A lei de Deus e a lei do pecado. O pior é que a lei do pecado revela que sou prisioneiro do pecado.

É por isso que Jesus oferece a liberdade, ao dizer: *“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”* (João 8.32). O crente é livre em Cristo. Dependendo dEle e unido ao seu Espírito, somos mais que vencedores. Nele temos todas as bênçãos espirituais de Deus para nós. Graças a Deus, em Cristo, por tudo isto.

Nunca despreze esta maravilhosa graça de Deus. Saber que Cristo garante a salvação não é desonra. É honra para nós.

Meus irmãos, neste estudo tratamos sobre o tema:

OS HOMENS SÃO PRISIONEIROS DO PECADO.

Vimos que:

- **A CONVERSÃO NOS ENSINA A SERVIR A DEUS DE UM MODO NOVO** (1-6)
- **A LEI DESPERTA O QUE HÁ DE PIOR NO HOMEM** (7-11)
- **O PECADO FAZ AS COISAS BOAS PARECEREM RUINS** (12,13)
- **O PROBLEMA NÃO ESTÁ NA LEI, MAS NO HOMEM** (14-17)
- **O HOMEM NÃO PECA POR FALTA DE CONHECIMENTO, MAS POR FALTA DE FORÇA** (18-23)
- **O CONSOLO E ESPERANÇA DO HOMEM É CRISTO** (v. 24,25)

Este texto nos foi dado para que abracemos com mais vigor a graça divina. Louvemos a Deus por Jesus Cristo.